

---

---

# A QUESTÃO DE GÊNERO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

---

---

## A QUESTION OF GENDER IN THE LESSONS OF PHYSICAL EDUCATION

---

---

**Angélica da Fonseca Campos**  
**Paula Guedes Cocate**  
**Maria Eunice de Paiva Freitas**  
**Leililene Antunes Soares**  
**Lúcia Aparecida da Cruz**

Faculdade Ubaense Ozanan Coelho - Ubá-  
MG, Brasil  
[quedescocate@yahoo.com.br](mailto:quedescocate@yahoo.com.br)  
(Brasil)

---

### Resumo

Atualmente, vivemos em uma sociedade marcada por exclusões, dentre as quais destaca-se a questão de gênero. Nas aulas de educação física (EF), presenciamos essa divisão de forma nítida, quando professores reforçam padrões discriminatórios de comportamento em seu discurso. O objetivo desse estudo foi analisar a relação de gênero nas aulas de EF e a real atuação do professor diante desse problema. Nesse trabalho foram realizadas observações de 15 aulas de EF além da aplicação de um questionário para 100 alunos do ensino fundamental, de uma escola pública do interior de Minas Gerais. Verificou-se que a grande maioria dos alunos, disseram que meninos e meninas fazem as aulas de EF juntas, não havendo separação entre eles. Porém observou-se pouca interação entre os alunos no decorrer das aulas, havendo nítida separação entre os gêneros na maioria das atividades. Constatou-se também que, meninos e meninas consideram ter direitos iguais nas aulas, compartilhando o mesmo espaço e inter-relacionando de maneira harmônica nas atividades. Entretanto, ao observar as aulas, verificou-se contradição nas respostas dos alunos. Conclui-se que grande parte das aulas de EF é dividida entre meninos e meninas e que esta atitude de divisão sexista é reforçada pelas atividades propostas pelo professor.

**Palavras Chaves:** gênero, educação física

### Abstract

Currently, we live in a society marked by exclusion, among them there is the question of gender. In the classes of physical education, witnessed this division so clear, when teachers reinforce discriminatory patterns of behaviors in his speech. The purpose of this study was to analyze the relationship of gender in the gym class and the actual performance of the teacher in front of this problem. In this work, observations were made of 15 gym class than the application of a questionnaire to 100 students from elementary school, a public school in the interior of Minas Gerais. It was found that the vast majority of students said that boys and girls are the lessons of gym class together and there is no separation between them. But there was little interaction between students during class, with clear separation between the genders in most activities. It was also discovered that, boys and girls believe they have equal rights in the classroom, sharing the same space and inter-linking of harmonic way in the activities. However, to observe the classes, there was contradiction in the responses of students. It follows that most of the lessons of physical education is divided between boys and girls and that this division of sexist attitude is reinforced by the activities proposed by the teacher.

**Keywords:** gender, physical education.

Recebido em: 25/05/2008

Aceito: 22/08/2008

## INTRODUÇÃO

Atualmente, vivemos em uma sociedade marcada por valores de exclusão, como a questão de gênero, racismo, homofobia, entre outros.

A sociedade tem apresentado justificativas diversas, na tentativa de explicar de forma coerente, a separação preconceituosa que ocorre nas relações humanas, porém, pouca coisa tem sido feita para amenizar ou eliminar estas separações. As pessoas apresentam justificativas que perpassam questões de natureza humana, iludidas em teorias biológicas de superioridade. Essas questões, quando observadas em um contexto histórico, foram aquelas que, de forma atroz, reprimiram e excluíram.

As pessoas provavelmente iniciam suas relações uma com as outras na escola, e ali encontra a base para a formação da sociedade. Se ainda possuímos uma sociedade de exclusão, é porque a escola colabora de e forma com essa triste realidade, não atuando, na maioria das vezes, como intermediadora para transformá-la. A escola na verdade deveria ser um ambiente de construção e reflexo e, sobre tudo, um ambiente de coletivização dessas reflexões, onde a aceitação passiva de valores de exclusão como o gênero precisa ser superada.

Dentro da escola, nas aulas de educação física, observamos inúmeras vezes a ocorrência de divisões entre homens e mulheres de forma nítida, quando professores reforçam padrões discriminatórios de comportamento em seu discurso e ação docente. A escola, de forma geral, enquanto formadora dessa sociedade, vem contribuindo para que perdue uma divisão sexista, permitindo a transmissão de valores de discriminação.

A educação física, inserida neste ambiente, deixa-se envolver, principalmente pela sua evolução histórica e pela sua evolução histórica particular, nas práticas discriminatórias entre os sexos, auxiliando na construção de sujeitos masculinos e femininos.

Assim, uma reflexão incisiva sobre essas questões é extremamente necessária e urgente, para vivenciarmos uma escola imbuída de valores de respeito, e que estes valores sejam inseridos nas aulas de educação física. É preciso criar senso de justiça e igualdade entre as pessoas, sobrepondo os valores de preconceito, e desigualdade que muito presentes em nossa sociedade.

Objetivou-se, neste trabalho, analisar a relação entre os gêneros nas aulas de educação física, a real atuação do professor diante desse problema e o que tem sido feito para melhorar essa interação entre os alunos de ambos os sexos.

## METODOLOGIA

Paralelamente à pesquisa bibliográfica, foi desenvolvida uma pesquisa de campo por meio de observações feitas em 15 aulas de educação física durante quatro semanas, para tal utilizou-se categorias focalizando: a relação entre meninos e meninas; as atividades realizadas nas aulas; o comportamento social de ambos os gêneros e a postura do professor diante das atividades propostas e atitudes gerais que envolvia meninos e meninas em suas aulas.

Associado as observações, foi aplicado um questionário estruturado para um total de 100 alunos, sendo 58 do sexo feminino e 42 do sexo masculino, regularmente matriculados nas turmas de 5ª a 8ª séries de uma escola pública de uma cidade localizada no interior de Minas Gerais

### Revisão de literatura

#### *Aspectos Socioculturais do Gênero*

Gênero é entendido como a construção social que uma dada cultura estabelece ou elege em relação a homens e mulheres. Conforme conceitua Scott (1995, p.89), é um elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, que fornece um meio de decodificar o significado e compreender as complexas conexões entre as várias formas de interação humana.

Bourdieu (1995) lembra que o mundo social constrói o corpo por meio de um trabalho permanente de formação, ou seja, imprime nele um programa de percepção, de apreciação e de atos. Nesse processo, as diferenças socialmente construídas acabam sendo consideradas naturais, inscritas no biológico, e são legitimadora de uma relação de denominação. Essas idéias são reforçadas por Bordo (1997, p.20) ao afirmar que, por meio da organização e da regulamentação de nossas vidas, nossos corpos são treinados, moldados e marcados pelos caminhos das formas históricas predominantes de individualidade, desejo, masculinidade e feminilidade. Assim, há uma estreita e contínua imbricação entre o social e o biológico, isto é um jeito masculino e feminino de ser, com atitude e movimentos corporais socialmente entendidos como naturais de cada sexo Connel (1990). Portanto, o processo de educação de homens e mulheres de valores, conhecimentos, posturas e movimentos corporais é que vai determinar o ser masculino ou feminino.

todo movimento corporal é distinto para os dois sexos: o andar balançando os quadris e assumindo como feminino, enquanto dos homens espera-se um caminhar mais firme (palavra que, no dicionário, significa a seguro, ereto, resoluto-expressões muito masculina e positivas), o uso das mãos [...], o posicionamento das pernas ao sentar, enfim muitas posturas e movimentos são marcados, para um e para o outro sexo (LOURO, 1992, p.58-59).

Assim, gênero é uma categoria relacional, porque leva-se em conta o outro sexo, em presença ou ausência. Além disso, relaciona-se com outra categoria, pois não somos vistos de acordo apenas com nosso sexo ou com que a cultura fez dele, mas de maneira muito mais ampla. Somos classificados (as) de acordo com nossa idade, raça, etnia, classe social, cultura, peso corporal, habilidades motoras, dentre muitos outros fatores que ocorrem em diversos espaços sociais. Isso acontece nos diversos espaços sociais incluindo escolas e aulas de educação física, sejam ministradas para turmas do mesmo sexo ou não. Altmann (1988) argumenta que, a oposição entre os sexos não é reflexo ou articulação de um fato biológico, mas sim uma construção social. A revelação é de que a oposição binária e artificial desestabiliza a identidade aparentemente fixa e rígida do feminino e do masculino e impede a formulação de outras possibilidades. No que se refere à diversidade de construções de gênero Louro (1996, p.10) lembra que:

entendendo gênero fundamentalmente como uma construção social e, portanto, história, teríamos de supor que esse conceito é plural, ou seja, haveria conceitos de feminino e de masculino, social e historicamente diversos. A idéia da pluralidade implicaria admitir não apenas que sociedades diferentes teriam diferentes concepções de homem e de mulher, como também no interior de uma sociedade tais concepções seriam diversificadas, conforme a classe, a religião, a raça, a idade, etc. Além disso, implicaria admitir que os conceitos de masculino e feminino se transformam ao longo do tempo.

Dentro desse mesmo raciocínio, o autor Francis (1998, p.42) afirma que “as próprias crianças construíam os gêneros como opostos, a fim de reforçar seu senso de identidade feminina e ou, masculina”. Entretanto, essas culturas não eram congeladas, e as fronteiras dessa diversão eram freqüentemente ultrapassadas ou recusadas. Similarmente, Kunz (1993) relata ocasiões em que o senso de gênero como fronteira se dissolvia, e meninos e meninas interagiam descontraidamente.

Assim, meninos e meninas não mantêm nítidas as divisões de gênero, estando por vezes separados e noutras juntos, o que, nas aulas de educação física, nem sempre ocorre sem maiores conflitos.

### ***As Construções de Gênero nas Aulas de Educação Física para Turmas Mistadas.***

Ao considerar o gênero como uma categoria relacional, há de se pensar sua articulação com outras categorias durante as aulas de educação física, porque gênero, idade, força e habilidade formam um “emaranhado de exclusões” vivido por meninos e meninas.

Na escola, não se pode afirmar que as meninas são excluídas de jogos nas aulas de educação física apenas por questões de gênero, pois o critério de exclusão não é exatamente o fato de elas serem mulheres, mas por serem consideradas mais fracas e menos habilidosas (ALTMAN, 1998).

A separação de meninos e meninas nas aulas de educação física desconsidera a articulação do gênero com outras categorias, a existência de conflitos, exclusões e diferenças entre pessoas do mesmo sexo, além de impossibilitar qualquer forma de relação entre eles.

Conforme alerta Kunz (1993), em estudo sobre a construção histórico-cultural dos estereótipos sexuais, no contexto escolar, a educação física constitui o campo, em que, por excelência, acentuam-se, de forma hierarquizada, as diferenças entre meninos e meninas. Também Louro (1997) lembra que em alguns componentes curriculares, a identidade de gênero parece muitas vezes ser construídas por meio de discursos implícitos. Ele ainda ressalta que:

Nas aulas de educação física o processo de educação é, igualmente, mais explícito e evidente. Ainda que várias escolas e professores as venham trabalhando em regime de co-educação, a educação física parece ser a área em que as resistências ao trabalho integrado persistem, onde as resistências provavelmente se renovam, a partir de outras argumentações ou de novas teorizações (LOURO, 1997. p.72).

Essas resistências têm ocorrido com freqüência ao longo da história dessa disciplina na escola brasileira, fortemente vinculada à biologia e ao positivismo, como aponta diversos autores, dentre os quais Soares (1994) e Gomes (1998).

Tal história mostra que na aparência das diferenças biológicas entre os sexos eram ocultadas as relações de probabilidade de as mulheres estarem mais propensas às lesões esportivas do que homens Azevedo (1988). Entretanto, não se pode considerar que, pelo fato de homens e mulheres praticarem os mesmos esportes, estes tenham deixado de ser generificados. Altmann (1988, p. 131) reforça essas idéias ao considerar o esporte como:

Uma “instituição generificada”, uma instituição construída por relações de gênero. Enquanto tal, sua estrutura e valores refletem concepções dominantes de masculinidade e feminilidade. Os esportes organizado, são também uma “instituição generificadora”, uma instituição que ajuda a construir a ordem de gênero corrente.

Badinter (1993) afirma que os esportes que envolvem competição, agressão e violência são considerados a melhor iniciação à virilidade, pois é nesse espaço que o adolescente ganha “status de macho”, mostrando publicamente seu desprezo pela dor, o controle do corpo, a força e a vontade de ganhar e esmagar os outros. De acordo com Souza (1994), as quadras esportivas fora do contexto escolar, durante os finais de semana, são normalmente ocupadas por indivíduos do sexo masculino. Também, nas escolas, as

quadras esportivas são ocupadas por meninos durante o recreio e nos horários livres, o que, até certo ponto, demonstra que eles dominam esse universo.

Gomes (1995), ao estudar o pátio de escolas, observou que os meninos ocupavam 10 vezes mais espaços do que as meninas, principalmente os espaços esportivos. Grugeon (1995) entende que, com um simples olhar no pátio do recreio, é possível observar agrupamentos de meninas que demonstram certa intimidade e meninos correndo de um lado para o outro. Isso é observado nas escolas onde os meninos ocupam mais as quadras esportivas. No caso de não ocuparem as quadras utilizam mais os espaços, seja correndo, seja dando fortes chutes na bola de um canto a outro. Enquanto isso, as meninas formam grupos menores e de maneira mais sedentária, sentadas ou em pé. Segundo Altmann (1998, p.26) “o esporte é um meio de os meninos exercerem domínio do espaço da escola, destacando que as meninas resistem a essa dominação realizando brincadeiras ou jogos de jogos não esportivos e, geralmente, não jogam futebol”.

Com a introdução do esporte moderno como conteúdo da Educação Física, escolas no Brasil, principalmente a partir dos anos 1930, a mulher manteve-se perdedora, porque era um corpo frágil diante do homem. Aos homens era permitido jogar futebol, basquete e judô, ou seja, esportes que exigiam maior esforço, confronto corpo a corpo e movimentos violentos; às mulheres eram permitidos a ginástica rítmica, o voleibol, pois o movimento era de suavidade e não tinha contato com o outro corpo.

À medida que os anos transcorreram, as perspectivas sob as quais se adjetivava o esporte foram se alternando, e, nas últimas décadas, presenciamos algumas mudanças, por exemplo aos homens é dado o direito de praticar voleibol sem riscos para a sua masculinidade, e o futebol passa a ser praticado por mulheres, tanto nos clubes quanto em algumas escolas. Entretanto, não se pode considerar que, pelo fato de homens e mulheres praticarem os mesmos esportes, estes tinham deixado de ser genericados.

O entendimento das barreiras da prática indiferenciada de esporte por homens e mulheres na escola leva-nos a entender a afirmação de Kunz (1993, p. 118), quando afirma que:

Na contraposição das possibilidades expressas pelos dois mundos esportivos, respectivamente para o feminino e masculino, cooperação e competição, sensibilidade e racionalidade, produtividade, agressividade e delicadeza, evidenciam-se os pólos que o esporte, deixa, por enquanto, domiciliar.

### ***Papel do Professor***

No que se refere à intervenção docente, várias considerações podem ser feitas, dado o importante papel do professor. Para Louro (1997, p. 75), as aulas de educação física representam uma situação constante e peculiar de exame:

O uso de alinhamento, a formação de grupos e outras estratégias típicas dessas aulas, permitem que o professor ou professora exercite um olhar incentivador sobre cada estudante, corrigindo sua conduta, sua postura física, seu corpo, enfim, examinando-o (a) constantemente. Alunos e alunas são aqui particularmente observados, avaliados e também comparados, uma vez que a competição é inerente à maioria da prática esportiva.

Gomes (1995) afirma que a presença de adultos entre crianças pode diminuir a separação de gênero, pois, ao incentivarem a prática conjunta de meninos e meninas, os comentários pejorativos provenientes dessa interação são minimizados. Também, mostrou que a presença do professor em algum local já é por si mesma um fator de extrema importância na determinação das atividades das crianças.

De acordo com Altmann (1998, p.101), “a postura docente é uma referência que define como meninas e meninos agem e se relacionam entre si”. Meninos e meninas nem sempre reagem da mesma forma à intervenção docente, uma vez que os meninos desobedeciam mais às normas escolares e as do professor do que as meninas. São inúmeros os conflitos e as dificuldades dos educadores no enfrentamento das questões de gênero presentes na cultura escolar, especialmente nas aulas de Educação Física, que se trata de valores e normas culturais que se transformam muito lentamente.

Como lembra Sacristón (1995, p. 89), cabe ressaltar que “a escola não opera no vazio; a cultura que ali se transmite não cai em mentes sem outros significados prévios”. Os estudantes são seres com uma bagagem prévia de crenças, significados, valores, atitudes e comportamentos adquiridos fora da escola. Se, por um lado, esse fato limita o poder de instituição da escola, por outro, não podemos esquecer de que a escola também constrói cultura, e que é possível criar propostas político – pedagógicas que vinculem a cultura escolar e as aprendizagens de origem externa à escolaridade.

Entretanto, o ensino escolar é uma alavanca de potencial limitado para a conquista de objetivos que afetam valores e comportamentos enraizados nos distintos grupos sociais. Acredita-se que há possibilidade de ampliar espaços para a construção de relações não hierarquizadas entre homens e mulheres, para a qual a escola pode certamente contribuir.

### Resultados e discussão

A escola estudada nesta pesquisa localiza-se na Rua Prefeito João Vicente Ferreira Filho no centro da cidade de São Geraldo, Minas Gerais. A Escola Estadual Álvaro Giestra atende aproximadamente 400 alunos, distribuídos entre a 1ª e 8ª series do Ensino Fundamental. Quando à instalação destinada à prática de Educação Física, a instituição conta com apenas uma quadra poliesportiva, em reforma e com carência de material esportivo.

Inicialmente, houve um período de quatro semanas de observação de aula, quando se percebeu que há exclusão dos gêneros nas aulas de educação física, pois os meninos jogavam o futebol na quadra enquanto que as meninas jogavam queimada no pátio da escola.

A aplicação do questionário se deu fora do horário da aula de Educação Física, em que alguns alunos se recusavam em participar.

Os alunos que responderam a este questionário pertencem a uma faixa etária entre 11 a 17 anos, e 58% da amostra foi composta de estudantes do sexo feminino e 42% do sexo masculino.

Dentre os participantes, a grande maioria evidenciou gostar de participar das aulas de Educação Física juntos (figura 1 e figura 2).

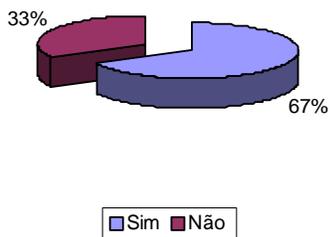


Figura 1: Porcentagem de meninas que gostam de realizar as aulas de educação física junto com os meninos

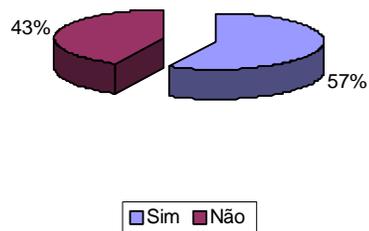


Figura 2: Porcentagem de meninos que gostam de realizar as aulas de educação física junto com as meninas

Em relação à divisão das aulas de educação física entre meninos e meninas, foi constatado que a maioria das meninas e dos meninos disse que as turmas são mistas (figura 3 e figura 4). Nota-se que há uma contradição entre o questionário e a observação, pois durante a observação das aulas, verificou-se que os meninos tinham o domínio da quadra, jogando futebol, e as meninas jogavam queimada no pátio da escola, havendo, portanto, separação entre eles.

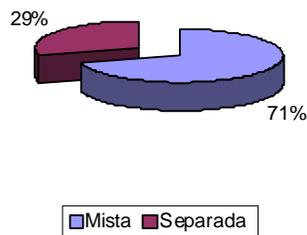


Figura 3: Porcentagem de meninas que relataram sobre a separação das aulas de educação física

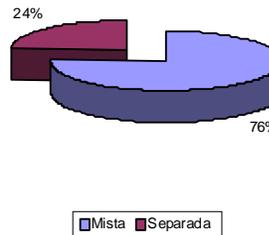


Figura 4: Porcentagem de meninos que relataram sobre a separação das aulas de educação física

As observações realizadas na presente pesquisa apresentaram semelhanças com estudo de Altmann (1998) que relatou que a ocupação do espaço escolar é de maioria do sexo masculino. A autora presenciou uma semana de jogos promovida por uma escola, onde meninos e as meninas dividiam em equipes para competirem entre si. A partir dos gritos de guerra e dos uniformes, ela aponta para seguinte conclusão:

Assim, a linguagem dos uniformes e dos refrões não apenas reproduziam uma determinada imagem masculina do esporte, como a constituía. Não era, porém, a qualquer masculinidade que o esporte se associava, mas à imagem de um homem forte, violento e vitorioso. Essas imagens reproduziam e produziam simultaneamente identidades esportivas e de gênero, determinado, em grande parte, as relações estabelecidas entre os jogadores (ALTMANN, 1998, p.162).

Assim, a escola dá preferência para um certo tipo de atitude masculina, mas segundo a própria autora não se pode destacar a existência de outras formas, sendo que qualquer forma particular de masculinidade é, ela própria, internamente complexa e até mesmo contraditória.

Quanto à inclusão do futebol como parte integrante das aulas de educação física, todos os alunos questionados concordaram, pois as meninas mesmo sendo excluídas do futebol durante as aulas pelos os meninos, em relação ao esporte, gostam de praticá-lo. Sendo o futebol, uma modalidade dita masculina, optou-se em questionar os alunos quanto ao gostar de realizar este esporte em conjunto com o sexo oposto. Nas figuras 5 e 6, estão representadas as respostas dos alunos. Constatou-se que a maioria deles disse que não jogam o futebol juntos. O que foi observado durante as aulas é que os meninos não gostam de jogar o futebol com as meninas, por elas não saberem jogar, serem fracas e não terem habilidades para tal esporte. As meninas, por sua vez, responderam que eles não tocam a bola para elas, deixando-as excluídas do jogo.

Por isso os meninos jogavam o futebol mais vezes do que as meninas, que era muito raro.

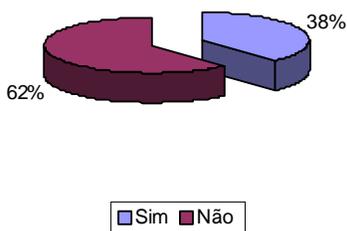


Figura 5: Porcentagem de meninas que relataram que jogam futebol junto com os meninos

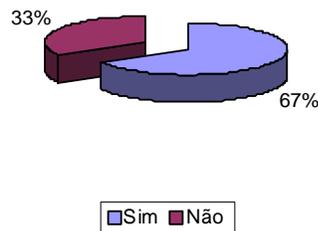


Figura 6: Porcentagem de meninos que relataram que jogam futebol junto com as meninas

Segundo Altmann (1998) e Gonçalves (2004), é possível observar uma ocupação de gênero em relação ao espaço que se caracteriza por um domínio masculino nas quadras e das meninas nos cantos. Além disso, é possível observar um domínio técnico por parte dos meninos no jogo do futebol colocando as meninas como menos habilidosas e mais fracas. Os meninos, através de sua habilidade técnica do saber jogar futebol, impõem-se no espaço (a quadra). Destaca-se que as meninas não são vítimas dessa ordem - dependendo do tipo do jogo, certos momentos, elas a subvertem, e provavelmente pelo fato de o futebol no Brasil ser um jogo tradicionalmente masculino, as meninas parecem ser excluídas pelo fato de ser meninas quanto pela sua menor habilidade técnica. Em algumas situações, as meninas têm uma habilidade, mas os meninos não têm interesse em jogar com elas, como acontece nas observações realizadas por Altmann (1998).

Nas figuras 7 e 8 é mostrada a freqüência da ocupação da quadra de esportes, por meninos e meninas, fora das atividades de educação física.

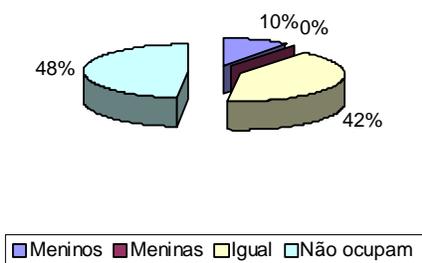


Figura 7: Porcentagem de meninas que relataram sobre ocupação da quadra de educação física fora do horário de aula

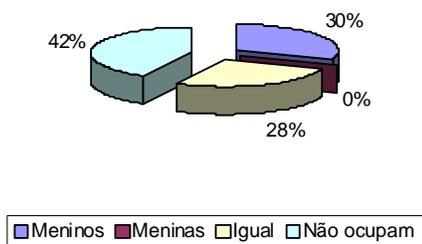


Figura 8: Porcentagem de meninos que relataram sobre ocupação da quadra de educação física fora do horário de aula

Verifica-se que na opinião da maioria dos alunos, fora do horário das aulas, não há ocupação nem de meninos e nem de meninas, outros disseram que ambos são iguais, boa parte dos alunos, afirmaram que meninos ocupam a quadra e que não há ocupação das meninas fora do horário das aulas. Observou-se claramente que, as meninas não têm nenhuma interação com os meninos, havendo uma separação entre eles.

A separação das turmas por sexo nas aulas de educação física, durante a observação nesta escola é clara e está bem explícita durante a prática. É importante ressaltar que o professor não se mostrava crítico diante dessa situação, esquecendo-se de todo o processo de socialização que é muito interessante para a aprendizagem e desenvolvimento dos alunos.

## Conclusão

Diante do exposto, percebeu-se que na escola onde foi realizado o questionário, a grande maioria dos alunos, disseram que meninos e meninas fazem as aulas de Educação Física juntos, não havendo nenhuma separação entre eles.

Porém pelo que foi observado durante as aulas, os meninos iam para a quadra jogar futebol. Com relação às meninas, muitas delas não faziam nada, enquanto outras jogavam queimada no pátio da escola. A manifestação que se ouvia dos meninos era de que as meninas não sabiam jogar, eram fracas, menos habilidosas e que se elas jogassem, eles iriam dar bolada nelas, e muitas vezes, nem passavam a bola para elas. Notou-se que o professor, perante esta situação, não tinha reação nenhuma, deixando os meninos jogar na quadra sem a participação das meninas.

O professor de educação física deve, portanto estar preparado para possíveis situações, para que as aulas se tornem cada vez mais participativas, fazendo com que meninos e meninas façam as aulas juntos, havendo assim, maior interação e motivação. Além disso, é importante que as aulas sejam criativas, para que os alunos possam praticar as atividades sem nenhuma separação entre eles.

A persistência de uma educação física que reflete sobre suas práticas e que se desresponsabiliza pela formação de seus alunos e alunas, acaba através de seu silêncio, colaborando para a formação dos estereótipos de homem e mulher, mantendo assim, uma postura supostamente neutra ajudando na formação de uma consciência coletiva de que ser homem e ser mulher atenda a determinação padrões e conduta. Cabe então repensar o papel desse conteúdo escolar, buscando novas formas de ensino e novas relações sociais.

Enfim as aulas de educação física precisam ser repensadas por professores bem como pelos alunos, para que estes, possam entender os pontos dessa disciplina.

## Referências bibliográficas

ALTMANN, H. **Rompendo Fronteiras de Gênero: Marias (e) homens na Educação Física**. 1998. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, Belo Horizonte, 1988.

ALTMANN, H. Marias (e) homens nas quadras: sobre a ocupação do espaço físico e escolar. **Revista Educação e Realidade**. Porto Alegre, v. 24, n.2, p.157-173, jul/dez.1999.

AZEVEDO, T. M. C. de. **“A mulher na educação física; preconceitos e estereotipo”**. 1988. 233f Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação da UFE, Niterói, 1988.

BADINTER, E.X.Y. **Sobre a identidade masculina**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BORDO, S. R. **“O corpo e a reprodução da feminilidade: Uma apropriação feminista de Foucault”**. In: JACAR, A. e BORDO, S. R. Gênero, corpo e conhecimento. Rio de Janeiro: Record e Roda dos Tempos, 1997, p. 19-41.

BOURDIEU, P. **“A dominação masculina”**. **Educação e Realidade**, v. 20, n. 2, p.133-184, jul./dez.1995.

CONNEL, R. W. **“Como teorizar o patriarcado?”** **Educação e Realidade**, v. 15, n. 2, p. 58-93, jul./dez.1990.

GOMES, E. M. de P. **Atividades físico-desportivas de mulheres da elite carioca (1860 a 1930)**. Dissertação de mestrado em educação física. Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, 1998, 120p.

GOMES, E. M. de P. **“Atividades del género em la cultura del patio de recreo”**. In: WOODS, P. e HAMMERLEY, M. Gênero, cultura y etnia em la escuela. Informes etnográficos. Barcelona: Ministério de Educação e Ciência, 1995, p.23-47.

GONÇALVES, V. P. **A Quadra e os Cantos:** arquitetura dos gêneros nas práticas corporais escolares. 2º Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte CD-ROOM, 2004.

GRUGEON, E. **Aplicaciones de Género en la cultura del patio del recreo.** In: WOODS, P.; HAMMERSLEY, M. Género, Cultura y Etnia em la Escuela: Informes Etnográficos. Paidós. Ministério de Educación y Ciencia, Espana, 1995.

KUNZ, M. do C. S. “**Quando a diferencia é mito:** Uma análise da socialização específica para os sexos sob o ponto de vista do esporte e da educação física.” 1993. 167f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Florianópolis, 1993.

LOURO, G.L. **Gênero, sexualidade e educação:** uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

LOURO, G.L. **Nas redes do conceito de gênero.** In: LOPES, M. J. M. In: LOPES, M. J. M; MEYER, D. E; WALDON, V. R. (orgs). Gênero e saúde. Porto Alegre: Artes Médicas.1996

LOURO, G.L. Uma leitura da história da educação sob a perspectiva de gênero. **Teoria e Educação**, n 6. Porto Alegre, p.53-67,1992.

SACRISTÀN, J. G. **Currículo e diversidade cultural.** In: SILVA, T. T. e MOREIRA, A. F. (org.). Territórios contestados, o currículo e os novos mapas políticos e culturais. Petrópolis: Vozes, p.82-113, 1995.

SCOTT, J. J. Gênero: uma categoria útil de Analisar Histórica. **Educação e Realidade**, v.20, n.2, p. 71-79, jul/dez. 1995.

SOARES, C. L. **Educação Física:** Raízes européias e Brasil. Campinas: Autores Associados, 1994, 167 p.

SOUSA, E. S. de. **Meninos, à marcha! Meninas, à sombra!** A história da educação física em Belo Horizonte (1897-1994). Tese (Doutorado em Educação). Unicamp, Campinas,1994.

---

### Currículo

---

**Angélica da Fonseca Campos** - Graduada em Educação Física pela Faculdade Ubaense Ozanan Coelho

**Paula Guedes Cocate** – Mestre em Ciências da Nutrição (UFV), Professora do Curso de Educação Física da FAGOC

**Maria Eunice de Paiva Freitas** - Graduada em Educação Física pela Faculdade Ubaense Ozanan Coelho

**Leililene Antunes Soares** - Especialista em Psicopedagogia (UCB), Professora do curso de Educação Física da FAGOC

**Lúcia Aparecida da Cruz** - Mestre em Atividade Física e Saúde (UCB), Professora do Curso de Educação Física da FAGOC

---

### Endereço:

**Paula Guedes Cocate**

Rua Liberato Antônio da Cunha, n.110. Bairro Nossa Senhora de Fátima.

Astolfo Dutra-MG.

CEP: 36780-000.

Email: [quedesccocate@yahoo.com.br](mailto:quedesccocate@yahoo.com.br)